

Os diplomados de ensino superior: diferenciação sexual nos processos de inserção profissional

Mariana Gaio Alves¹

Resumo:

Tendo por base a investigação que realizámos sobre os processos de inserção profissional de diplomados de ensino superior, o artigo pretende clarificar de que modo estes processos assumem diferentes configurações pelo facto de os seus protagonistas serem homens ou mulheres. Constatamos que as diplomadas vivenciam percursos em que é mais frequente o desemprego, a precariedade contratual e os níveis salariais mais baixos. Isto, embora o investimento académico das raparigas seja notório pelas classificações elevadas que obtêm e pelo facto de serem a maioria entre os diplomados que concluem o curso no tempo curricular mínimo. Existe, assim, alguma dissociação entre o sucesso académico e o sucesso na inserção profissional, que o caso das diplomadas claramente exemplifica, e que importa compreender melhor.

Palavras-chave: Inserção profissional; género; ensino superior; diferenciação sexual

Nota Introdutória

Neste artigo, procuramos clarificar de que modo os processos de inserção profissional assumem diferentes configurações pelo facto de os diplomados que os protagonizam serem homens ou mulheres. Com efeito, consideramos que a análise das relações entre educação e trabalho/emprego tendo em conta as questões do género se revela um domínio de grande interesse e relevância.

Por um lado, alguns autores (ver, designadamente, Smyth, 2003) sublinham que a maior parte dos trabalhos sobre diferenciação de género no mer-

¹ Licenciatura em Sociologia, Mestrado e Doutoramento em Ciências da Educação. Professora Auxiliar na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, Investigadora na UIED (Unidade de Investigação Educação e Desenvolvimento). Endereço postal: FCT/UNL, Quinta da Torre, 2825-516 Caparica. Endereço electrónico: mga@fct.unl.pt
Telefone: 212948394 ou 212948383. Fax: 212948326.

cado de trabalho se têm centrado em trabalhadores adultos, mas que é necessário investigar qual o impacto das primeiras experiências de emprego nas trajetórias e carreiras subsequentes explicitando de que modo esta diferenciação emerge (ou não) cedo no mercado de trabalho. Por outro lado, a constatação de que as raparigas têm uma presença cada vez mais numerosa no sistema educativo, em particular ao nível do ensino superior², a qual é marcada em muitos casos pela obtenção de um rendimento escolar elevado conduz a interrogações sobre os reflexos e as implicações da elevação dos níveis médios de escolaridade da população feminina nas suas trajetórias de inserção profissional.

O conceito de inserção profissional e o retrato esperado de diferenciação entre diplomados e diplomadas

O trabalho de investigação³ que está na base deste artigo não se centrou, preferencialmente, sobre as questões de género nos processos de inserção profissional, mas esta variável foi tida em conta ao longo do percurso investigativo. Assim sendo, começaremos por explicitar, sucintamente, o entendimento do conceito de inserção profissional de que partilhamos, bem como as perspectivas de análise adoptadas no seu estudo, para seguidamente apresentar e reflectir sobre alguns dados empíricos relativos aos processos de inserção profissional.

O conceito de inserção profissional

A inserção profissional constitui um tema de debate nas sociedades contemporâneas, sendo que uma análise atenta das observações que quotidianamente se produzem sobre este assunto revela que o termo *inserção profissional* significa, essencialmente, a obtenção de um emprego e de uma situação profissional e contratual estável. Ao nível das expectativas sociais, esperar-se-ia que o diploma de ensino superior permitisse obter uma situação profissional favorável. Porém, nos últimos anos tem-se assistido a um aumento da preocupação em

² Como sabemos, a expansão do ensino superior significou um grande crescimento do número de mulheres diplomadas deste nível de ensino, as quais representam cerca de 20% nos anos 40 e mais de metade do conjunto dos diplomados a partir dos anos 80, de acordo com as Estatísticas da Educação (Instituto Nacional de Estatística e Ministério da Educação). Trata-se de uma tendência geralmente referenciada como "feminização" do ensino superior.

³ Referimo-nos à investigação intitulada "A inserção profissional de diplomados de ensino superior numa perspectiva educativa: o caso da Faculdade de Ciências e Tecnologia", a qual foi concluída em 2003 e constitui Dissertação de Doutoramento em Ciências da Educação apresentada e discutida na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa em Janeiro de 2004.

torno das dificuldades de obtenção de um emprego estável e bem remunerado por parte deste grupo de diplomados, o que é entendido, geralmente, como a consequência de uma *má* formação académica caracterizada por um cariz excessivamente teórico e desligado da prática profissional. Quer dizer, de acordo com os discursos correntes do quotidiano, verificam-se dificuldades crescentes no plano do emprego para os diplomados de ensino superior e tal resulta, fundamentalmente, do funcionamento e opções seguidas pelo sistema educativo.

Ora, a investigação que realizámos permitiu alargar a problemática da inserção profissional: de um entendimento em que a mesma se resume à obtenção de emprego mais ou menos estável que decorre, sobretudo, da acção do ensino superior, construímos um conceito de *inserção profissional enquanto processo educativo e adaptativo*.

Um *processo*, na medida em que rejeitamos a ideia de que a inserção profissional corresponde a um momento circunscrito de articulação entre educação e trabalho/emprego. Alternativamente, entendemos a mesma como um processo dilatado no tempo, ao longo do qual são observáveis dinâmicas de convergência e de divergência entre educação e trabalho/emprego.

Assim sendo, coloca-se a questão da *delimitação do final e do início do período de inserção profissional*, a qual é objecto de controvérsia, admitindo-se uma *multiplicidade de critérios* para essa delimitação. Na linha de Vincens (1997), admitimos a existência de critérios de natureza subjectiva (do tipo: situação que corresponde às expectativas prévias ao ingresso no mundo do trabalho) ou objectiva (por exemplo: obtenção de um emprego com um contrato a tempo indeterminado) para esta delimitação, segundo opções fundamentadas pelo investigador de acordo com a concepção de inserção profissional que pretender adoptar no seu trabalho.

A identificação do início do período de inserção profissional parece-nos menos problemática. Consideramos que será admissível afirmar que o processo de inserção profissional tem início com a obtenção do diploma e a procura de emprego que se lhe segue⁴, muito embora o sujeito já tenha começado a estruturar uma identidade profissional durante o percurso escolar.

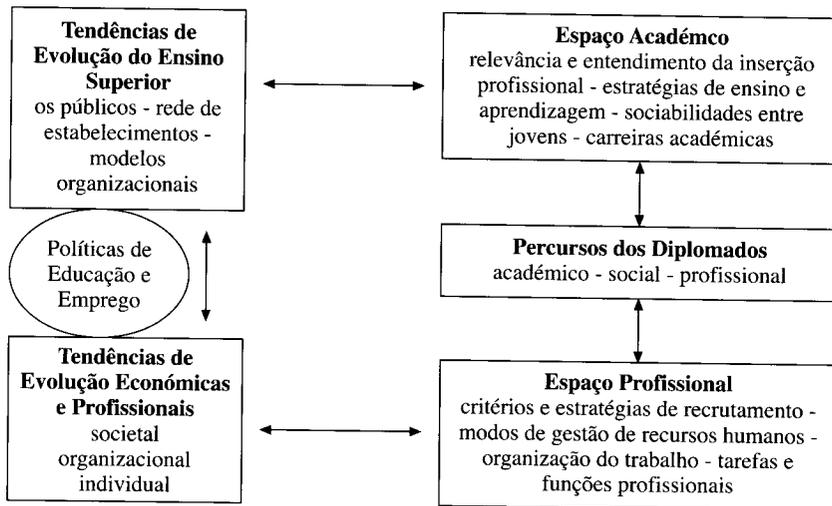
Acresce que apontámos a inserção profissional como um *processo educativo*, no sentido em que envolve aprendizagem e construção da capacidade de desempenho profissional, a qual é indissociável da construção da própria pessoa e da sua dinâmica identitária. Na nossa investigação, procurámos alar-

⁴ Esta opção revela-se pertinente, em especial, no contexto português e europeu em que, por contraste com a situação que se verifica na América do Norte, é muito pequeno o grupo daqueles que frequentam o ensino superior e trabalham simultaneamente. Os dados recolhidos na nossa investigação enquadram-se nesta tendência genérica constatada a nível nacional e europeu.

gar os temas de pesquisa habitualmente estudados no campo da inserção profissional, pois privilegiámos não apenas a questão do acesso ao emprego por parte dos diplomados, matéria que é tradicionalmente abordada neste domínio de pesquisa⁵, mas considerámos também os aspectos referentes à inserção profissional enquanto período de aprendizagem, de desenvolvimento pessoal e de construção de identidade.

Trata-se, também, de um *processo adaptativo*, pois é o resultado da interacção entre diversos actores, não se resumindo aos percursos dos diplomados no mercado de trabalho após a conclusão dos seus estudos superiores. Na nossa investigação, concluímos que os processos de inserção profissional podem assumir uma grande diversidade de configurações, em resultado das inter-relações que se estabelecem entre o espaço académico, o espaço profissional, cada qual com as suas lógicas e opções próprias, e ainda o percurso dos diplomados, marcado pelas estratégias e características pessoais e sociais de cada indivíduo. Esta inter-relação, por sua vez, não ocorre no vazio, mas sim num contexto cuja configuração depende de tendências de evolução do ensino superior, da economia e do mundo profissional e das orientações políticas subjacentes a estas tendências evolutivas. A figura 1 procura sistematizar esta multiplicidade de factores em jogo nos processos de inserção profissional.

Figura 1 – Multiplicidade de factores nos processos de inserção profissional



⁵ A questão do acesso ao emprego é, para alguns, "a questão fundadora" do domínio de investigação sobre inserção profissional, sendo que "l'accès des jeunes à l'emploi, question fondatrice de ce domaine, reste la plus étudiée" (Kieffer e Tanguy, 2001, p. 98).

Mulheres e Homens: diferentes percursos de inserção profissional

Os estudos sobre a inserção profissional de diplomados de ensino superior já realizados têm evidenciado que se registam diferenças muito claras entre os percursos profissionais dos diplomados, consoante os mesmos sejam protagonizados por homens ou por mulheres. Verifica-se, por exemplo, que as mulheres são a maioria entre os diplomados empregados que não ocupam posições de chefia e não têm responsabilidade sobre outros trabalhadores (Odes, 2000), assim como o peso percentual das mulheres em cargos directivos é diminuto por relação com o peso percentual dos homens que exercem estes cargos (Batista, 1996).

Acresce que a análise de várias pesquisas permite identificar uma tendência comum no sentido de as mulheres serem protagonistas de percursos em que as dificuldades de acesso ao emprego e de estabilização no mercado de trabalho são mais marcantes do que no caso dos percursos dos diplomados homens (ver, por exemplo, Odes, 2000 e 2002, Ocde, 1993, entre outros). É igualmente recorrente a constatação de que as mulheres diplomadas de ensino superior registam taxas de desemprego mais elevadas do que os homens diplomados, em geral (Cotrim e Amor, 1999) e ao longo dos cinco anos que se seguem à conclusão da licenciatura (Odes, 2002). Verifica-se, também através dos dados nacionais mais recentes, que o tempo médio de espera para a obtenção do primeiro emprego é superior para as mulheres (6,2 meses) face aos homens (5,2 meses), e que a proporção de homens é superior à de mulheres nos escalões de remuneração mais elevados no momento da inquirição (isto é, cinco anos após o curso) (Odes, 2002).

Dos trabalhos de comparação europeia emergem tendências semelhantes, indicando que as mulheres diplomadas parecem sentir mais dificuldades em encontrar um emprego e estabilidade contratual do que os homens diplomados (List, 1997) nos vários países deste continente. Aprofundando esta perspectiva comparativa, um estudo recente (Smyth, 2003) aponta que as taxas de desemprego das mulheres diplomadas tendem a ser mais elevadas do que as dos homens, sobretudo nos países da Europa Central e Mediterrânea, em que se inclui Portugal, por contraste com os países da Escandinávia e do Leste Europeu. Nestas condições, julgamos que seria interessante explorar os contornos e as razões da diversidade europeia nesta matéria.

Do retrato esperado às suas possíveis razões – os dados da nossa investigação

Tendo em conta o retrato esperado de um cenário de diferenciação entre os percursos de inserção profissional de mulheres e homens, pretendemos nesta segunda parte do artigo sistematizar alguns resultados da investigação realizada, procurando explicitar possíveis razões para aquela diferenciação. Para tal, começaremos por clarificar muito brevemente a metodologia seguida na pesquisa realizada, a fim de tornar compreensíveis os elementos apresentados.

Breve nota sobre a metodologia da pesquisa

Na investigação que realizámos optou-se por um estudo de caso dos processos de inserção profissional dos diplomados da FCT (Faculdade de Ciências e Tecnologia) por razões e constrangimentos inerentes ao percurso investigativo percorrido. Ainda que os estudos de caso tenham um valor limitado do ponto de vista da generalização de resultados, consideramos que esta opção permitiu quebrar com círculos viciosos de análise e explorar novas formas de abordagem da problemática. As técnicas de recolha de dados mobilizadas foram o inquérito por questionário, a entrevista e a análise documental, numa procura de combinar abordagens empíricas quantitativas e qualitativas para explorar os benefícios que as complementaridades entre elas podem comportar.

Assim, foi aplicado um questionário por via postal⁶ aos diplomados da FCT que haviam terminado os seus cursos no ano de 1995/96. Neste ano lectivo 401 indivíduos terminaram cursos de licenciatura na FCT, sendo que após a actualização das moradas que constavam dos ficheiros da instituição conseguimos o contacto de 301 diplomados tendo o questionário sido respondido por 103 sujeitos⁷. Este questionário constitui uma adaptação do inquéri-

⁶ A escolha de inquirir os diplomados por via postal é relativamente frequente em trabalhos da mesma natureza realizados noutras universidades portuguesas (por exemplo nas Universidades de Aveiro e Lisboa), sendo as taxas de resposta razoavelmente elevadas.

⁷ Ou seja, a operação de recolha de dados foi bastante bem sucedida tendo em conta a taxa de retorno de questionários devidamente preenchidos (44,1% face ao universo de trabalho – composto por 301 indivíduos – e 33,1% relativamente ao universo – composto por 401 sujeitos – são valores que se situam acima daquilo que é habitualmente considerado expectável – 30% - neste tipo de operações de recolha de dados).

to piloto aplicado a nível nacional⁸, a fim de permitir a comparabilidade dos resultados.

Foram também realizadas entrevistas com diplomados, empregadores⁹ e académicos. Entrevistámos 6 empregadores de 6 empresas distintas, nas quais também realizámos entrevistas com 4 diplomados da FCT que aí trabalhavam. Em relação ao grupo dos académicos, foram entrevistadas 4 pessoas que ocupavam cargos diversos na FCT. Considerámos imprescindível entrevistar a responsável pelo GESP (Gabinete de Estágios e Saídas Profissionais), uma vez que este gabinete desenvolveu diversas actividades direccionadas, precisamente, às questões da inserção profissional dos diplomados. Optou-se por entrevistar, também, os responsáveis pelos órgãos directivos da FCT (Presidente do Conselho Científico, Presidente do Conselho Pedagógico e Director da Instituição), uma vez que se pretendia identificar as concepções dos actores pertencentes ao espaço académico relativamente à formação universitária e suas finalidades, clarificando as orientações das práticas universitárias¹⁰.

A opção de dirigir operações de recolha empírica junto destes três actores – diplomados, empregadores e académicos – justifica-se pelo facto de considerarmos que estes constituem unidades de análise fundamentais para estudar os processos de inserção profissional, de acordo com a construção conceptual brevemente enunciada na parte inicial deste artigo.

Os diplomados da FCT: percursos de homens e de mulheres

Os dados da nossa investigação confirmam, para o caso dos diplomados da FCT, as tendências genéricas de diferenciação de percursos de homens e mulheres. Quer dizer, constatamos, de modo semelhante, que as mulheres

⁸ Referimo-nos à operação de recolha de informação do ODES (Sistema de Observação de Percursos de Inserção de Diplomados de Ensino Superior coordenado pelo INOFOR – Instituto de Inovação na Formação - do Ministério do Trabalho) realizada em 1999 e que veio a ser repetida, em 2001, para todas as áreas do ensino superior.

⁹ Por "empregadores" designamos as pessoas que nas 6 empresas contactadas são responsáveis pelo recrutamento de recursos humanos e que haviam contactado o GESP (Gabinete de Estágios e Saídas Profissionais) da FCT para informar das ofertas de emprego/estágio por parte da empresa.

¹⁰ Poderá argumentar-se que esta opção é limitativa. Porém, a mesma pareceu-nos adequada tendo em conta a impossibilidade de entrevistar a comunidade académica na sua totalidade e a ausência de investigação anterior neste domínio que fazia com que, em nosso entender, fosse incorrecto construir um inquérito por questionário para conhecer as concepções e práticas desta população. Acresce que tínhamos a intuição, confirmada no momento de realização das entrevistas, de que, pelos cargos ocupados, estes eram informantes privilegiados para detectar os "principais" posicionamentos, estratégias e opiniões presentes na comunidade académica.

protagonizam percursos de inserção profissional em que as dificuldades de estabilização no mercado de trabalho e a obtenção de salários médios mais baixos são mais marcantes, por comparação com os percursos dos diplomados homens¹¹.

Com efeito, por um lado, verificamos que as mulheres são a maioria entre os diplomados que já passaram por situações de desemprego. O conjunto dos inquiridos que afirmam já ter estado e/ou que estão no momento da inquirição desempregados é composto por 41,9% homens e 58,1% mulheres.

Por outro lado, embora no primeiro emprego as mulheres tendam a ser a maior parte no grupo que exerce actividade profissional com um contrato sem termo e nos níveis salariais mais elevados, essa vantagem inicial tende a atenuar-se quando se analisam os mesmos indicadores no momento 3 anos após o curso e no emprego actual.

Quadro 1 – Percentagem de homens e de mulheres que têm um contrato sem termo em cada um dos 3 momentos do percurso profissional

Momento/ /Sexo	1º emprego	3 anos após o curso	Emprego actual
Homens	18,0%	52,5%	62,3%
Mulheres	23,6%	47,2%	59,7%

Pela leitura do quadro, podemos perceber que existe a tendência para o grupo de diplomados que têm um contrato sem termo aumentar ao longo dos 5 anos que se seguem à conclusão da licenciatura, o que significa que a precariedade de emprego se atenua progressivamente, mas não desaparece por completo. No entanto, é de notar que a percentagem de mulheres que têm um contrato sem termo é superior à dos homens imediatamente após o curso, mas esta vantagem comparativa desaparece a partir do momento 3 anos após o curso.

Algo de semelhante sucede no que diz respeito à evolução dos níveis salariais. Refira-se que, no primeiro emprego, a percentagem de mulheres que se encontram nos 3 escalões salariais mais baixos (até 150.000\$00) é inferior (63,9%) à dos homens na mesma situação (65,6%), o que significa que as mulheres tendem a auferir em maior número salários ligeiramente mais elevados do que os homens. Porém, a situação inverte-se nos dois momentos

¹¹ Todos os dados apresentados foram analisados e seleccionados com base na constatação de que os dois grupos sexuais se encontram em relativo equilíbrio na amostra de diplomados inquiridos, correspondendo as mulheres a 54,1% e os homens a 45,9% dos inquiridos.

seguintes evidenciando-se a desvantagem feminina, uma vez que as mulheres passam a ser maioritárias nos escalões salariais mais baixos: no momento 3 anos após o curso, 60,6% dos homens e 83,4% das mulheres auferem um rendimento médio que se enquadra nos 5 escalões inferiores (até 250.000\$00) e, no emprego actual, 47,5% dos homens e 76,4% das mulheres concentram-se nos 6 escalões inferiores (até 300.000\$00)¹².

É de notar ainda que, no caso dos níveis salariais, a análise de dados permite rejeitar a hipótese de não existir uma associação estatisticamente significativa entre o sexo e o escalão salarial médio mensal no emprego actual e no momento 3 anos após o curso, revelando, contudo, uma associação considerada fraca entre as variáveis¹³.

Outras variáveis de caracterização do percurso profissional em que se verifica alguma diferença entre homens e mulheres são o regime de trabalho e a situação perante a profissão. No que diz respeito ao regime de trabalho, observe-se o quadro seguinte.

Quadro 2 – Percentagem de homens e de mulheres que trabalham a tempo parcial em cada um dos 3 momentos do percurso profissional

Momento/ /Sexo	1º emprego	3 anos após o curso	Emprego actual
Homens	9,8%	1,6%	-
Mulheres	11,1%	2,8%	4,2%

Pela leitura do quadro, podemos perceber que o trabalho a tempo parcial afecta, globalmente, um grupo muito reduzido de indivíduos, o qual vai diminuindo ao longo dos 5 anos após a licenciatura. Esta constatação permite-nos, aliás, formular a hipótese de que o trabalho a tempo parcial não seja uma opção deliberada dos diplomados, mas uma consequência de dificuldades de acesso e estabilização no emprego.

Ora, pela leitura do quadro, verifica-se que o trabalho a tempo parcial tende a ser uma situação que afecta mais mulheres do que homens nos 3 momentos considerados, só se registando, aliás, para diplomadas no caso do

¹² Os escalões que tomamos como referência para a análise são os que constituem a mediana da distribuição dos escalões de salário médio mensal em cada um dos 3 momentos considerados. Dado que o salário tende a aumentar durante os cinco anos que se seguem à licenciatura, a mediana da distribuição em cada um dos momentos analisados vai sendo cada vez mais elevada.

¹³ Existe uma relação com significado estatístico:

- entre o sexo e o escalão salarial do emprego actual ($X^2=0,01$, $p<0,05$; V-Cramer=0,332)
- entre o sexo e o escalão salarial 3 anos após o curso ($X^2=0,01$, $p<0,05$; V-Cramer=0,326)

emprego actual. Esta constatação, juntamente com a hipótese anteriormente formulada, leva-nos a considerar a possibilidade de que as mulheres se encontram em número ligeiramente superior no trabalho a tempo parcial pelo facto de enfrentarem maiores dificuldades de estabilização no mercado de emprego. Uma tal possibilidade é ainda reforçada pelos resultados de outras pesquisas que, analisando a situação de homens e mulheres perante o trabalho, concluem que "embora sejam as mulheres quem mais trabalha a tempo parcial, esse facto explica-se-á mais pelos constrangimentos inerentes ao perfil do emprego feminino do que por opções reais" (Torres, 2004, p. 72).

No que se refere à situação perante a profissão, importa constatar que, no conjunto dos inquiridos, só 1 mulher trabalha por conta própria com empregados e esse caso só se verifica no emprego actual. De resto, as mulheres tendem a ter um peso sempre ligeiramente superior aos homens nas categorias dos trabalhadores por conta de outrem e dos trabalhadores por conta própria sem empregados (sobre esta última, os dados da nossa investigação conduziram a colocar a hipótese de que esconderá situações mais precárias de trabalho que se auto classificam nesta categoria por não se encontrarem vinculados a nenhuma organização profissional). Os dados indicam que:

- no primeiro emprego: nos trabalhadores por conta de outrem temos 49,6% de homens e 50,4% de mulheres; nos trabalhadores por conta própria sem empregados 27,3% de homens e 72,7% de mulheres; nas outras situações (bolseiros) 14,3% de homens e 85,7% de mulheres;
- no emprego 3 anos após o curso: nos trabalhadores por conta de outrem encontramos 48,7% de homens e 51,3% de mulheres; nos trabalhadores por conta própria sem empregados 25% de homens e 75% de mulheres; nas outras situações (bolseiros) 16,7% de homens e 83,3% de mulheres;
- no emprego actual: nos trabalhadores por conta de outrem estão 45,5% de homens e 54,5% de mulheres; nos trabalhadores por conta própria sem empregados 42,9% de homens e 57,1% de mulheres; nas outras situações (bolseiros) 33,3% de homens e 66,7% de mulheres.

Assim, muito embora não se verifiquem associações com significado estatístico entre as variáveis sexo e, respectivamente, regime de trabalho e situação perante a profissão, existem tendências visíveis para uma diferenciação dos percursos vivenciados pela maior parte dos indivíduos em cada um dos grupos sexuais.

Grau de satisfação de diplomados e de diplomadas perante o emprego

Tendo em conta a diferenciação entre os percursos de inserção profissional de homens e mulheres diplomados, não nos parece estranho que os níveis de satisfação com o percurso profissional e com a situação profissional actual sejam distintos nos dois grupos. Verifica-se que, de forma algo ténue, há mais homens (85,2%) do que mulheres (83,3%) que se manifestam satisfeitos ou muito satisfeitos com o seu percurso profissional. A diferenciação é mais clara no conjunto dos que se manifestam satisfeitos ou muito satisfeitos com a sua situação profissional actual, em que o grupo destes entre os homens (78,7%) é maior do que entre as mulheres (73,6%).

Estará, a nosso ver, associado a estas opiniões e à diferenciação dos percursos profissionais, o facto de mais homens do que mulheres considerarem que, no seu caso pessoal, o diploma de ensino superior significou um aumento das possibilidades de encontrar emprego. Afirmam que as suas possibilidades de emprego aumentaram ou aumentaram muito com a obtenção do diploma de ensino superior 85,2% dos homens e 80,6% das mulheres. No entanto, é curioso notar que quando a pergunta é colocada de forma genérica, ou seja, quando questionadas sobre se um qualquer diploma de ensino superior aumenta as possibilidades de emprego em geral, se constata que 53,6% dos que respondem sim são mulheres contra 46,4% homens, ou seja, as expectativas das diplomadas parecem ser mais elevadas relativamente à utilidade do diploma na transição para a vida activa.

Em nosso entender, isto significa que, embora mais de metade das diplomadas inquiridas valorizem o diploma de ensino superior enquanto meio para facilitar as possibilidades de emprego, uma grande maioria não considera que, no caso do seu percurso pessoal, o diploma se tenha efectivamente traduzido num aumento das possibilidades de emprego.

Estes dados permitem constatar, em nosso entender, que as dificuldades sentidas de forma mais evidente pelas diplomadas do que pelos diplomados nos percursos profissionais são percebidas pelas inquiridas e se reflectem, quer nas suas opiniões sobre o valor de utilização na vida activa do diploma de ensino superior, quer nos níveis de satisfação relativamente ao percurso profissional e situação actual. Nomeadamente, colocamos a hipótese de que existirá um maior desfasamento no caso das mulheres entre, por um lado, as *expectativas* sobre o valor do diploma de ensino superior na inserção profissional e, por outro lado, a sua efectiva *utilidade* na transição para a vida activa, pelo que as mesmas se afirmam, portanto, menos satisfeitas com o seu percurso e situação profissional.

Possíveis razões do retrato esperado

É importante procurar perceber o que explica estas diferenças entre os percursos profissionais de homens e mulheres, parecendo-nos relevante começar por enfatizar que uma multiplicidade de estratégias tanto dos empregadores, quanto dos diplomados poderá contribuir para explicar aquela diferenciação.

No que diz respeito aos empregadores, poderão ocorrer situações em que os mesmos optam, preferencialmente, por recrutar diplomados. Nas entrevistas realizadas com empregadores não obtivemos dados que permitam esclarecer a existência generalizada destas opções de recrutamento, existindo no entanto uma referência numa das entrevistas que deixa perceber que o sexo pode ser diferenciador num processo de recrutamento¹⁴.

"E: Eu tenho um recrutamento e eu sei que tenho de colocar, por exemplo, masculino e feminino, que não pode haver discriminações deste tipo nem doutro! Mas que os pode haver... I: Pode haver na prática? E: Pode... Pronto... o pode e o há.. É de facto... isto é uma realidade." (Empregador, Empresa 2)

Para apoiar estas afirmações, apresentamos a título ilustrativo o caso de Paula (Engenheira Mecânica) que é uma das diplomadas entrevistadas. Este caso constitui uma singularidade no conjunto dos entrevistados, pois Paula demorou um tempo excepcionalmente longo (6 meses, sendo a média registada entre os diplomados da FCT de 3,7 meses¹⁵) desde a conclusão do curso e até à obtenção do primeiro emprego. A diplomada justifica esta situação pelo facto de ser uma rapariga num universo masculino como é o da Engenharia Mecânica e relata mesmo uma situação em que o *ser rapariga* foi um obstáculo à sua contratação:

"Um pouco que a mulher no mundo da mecânica não dá muita confiança, não é? E a segurança que um rapaz provavelmente... pode dar! (...) um colega nosso disse «olha! Tal empresa onde eu estou...» Ele já estava lá. «Eles

¹⁴ Trata-se da empresa contactada cujo sector de actividade é a selecção, recrutamento e formação de recursos humanos, pelo que este entrevistado deverá ter um conhecimento generalizado do que se passa em numerosos processos de recrutamento.

¹⁵ Globalmente, o tempo médio de espera dos diplomados da FCT inquiridos – 3,7 meses – é, assim, mais curto do que aquele que se regista para os diplomados de ensino superior de todas as áreas disciplinares e sub - sistemas de ensino – 6 meses – de acordo com os dados recolhidos pelos ODES (2002). Tal poderá ser explicado, em nosso entender, por se tratarem de diplomados da área das Ciências e Tecnologias (cursos de Engenharia, Matemática e Química), sendo que neste domínio disciplinar se encontram menos dificuldades na obtenção do primeiro emprego.

querem... estão à procura de mais pessoas.» E nós ficámos encantadas. «Epá! Vê lá, fala lá então com o engenheiro...» Bem, quando ele telefonou, e ele telefonou na nossa presença... é assim, a resposta que o senhor lhe deu é que não queria raparigas!" (Paula, Engenheira Mecânica)

Contudo, a análise dos dados recolhidos na nossa investigação sugere uma outra dimensão explicativa das diferenças entre percursos de inserção profissional de homens e mulheres, centrada nas estratégias dos próprios diplomados nos planos profissional, académico e familiar.

Em primeiro lugar, no que diz respeito às opções em termos de acesso ao emprego, constatámos que os diplomados homens são um pouco mais de metade entre os inquiridos que afirmam exercer uma actividade profissional não relacionada com o curso que concluíram na FCT (dos que afirmam exercer uma actividade que não se relaciona com curso 51,5% são homens e 48,5% são mulheres). Ou seja, existe uma ligeira tendência no sentido de os homens afirmarem exercer actividades profissionais não relacionadas com o curso, o que parece favorecer a sua inserção profissional quer do ponto de vista salarial quer em termos de estabilidade dos laços contratuais.

Em segundo lugar, há outros aspectos relacionados com os percursos académicos, também diferenciados, de diplomados e diplomadas, no sentido em que encontramos, entre as raparigas, um maior número de casos de sucesso escolar. Na verdade, é notório que, globalmente, só um pouco mais de metade dos diplomados (51,1%) declaram ter concluído a licenciatura no tempo curricular mínimo aconselhado, mas dentro deste grupo mais de metade (63,1%) são mulheres (contra 36,9% de homens). Saliente-se que a relação entre as variáveis conclusão da licenciatura no tempo curricular mínimo e sexo tem significado estatístico, o qual revela uma relação de associação, se bem que muito fraca, entre ambas¹⁶.

Acresce, ainda, que os diplomados que concluíram a licenciatura no tempo curricular mínimo tendem a obter classificações finais mais elevadas. Ou seja, são também as mulheres que, em maior número, obtêm classificações escolares mais elevadas, verificando-se que concluem os seus cursos com uma média ligeiramente superior aos seus colegas homens. Estes últimos estão em maior número entre o grupo dos que demoram mais do que o tempo curricular mínimo a concluir o curso, obtendo médias finais mais baixas.

¹⁶ Existe relação estatisticamente significativa entre a afirmação de que se concluiu (ou não) no tempo curricular aconselhado e o sexo dos indivíduos ($X^2=0,043$, $p<0,05$; $V\text{-Cramer} = 0,175$).

As notas médias de licenciatura de mulheres e de homens são, respectivamente, de 14,27 e 13,92 valores, sendo de notar que é no grupo dos homens que se encontra a nota média mais elevada, bem como o valor mais elevado de desvio-padrão tal como se pode observar no quadro 3. Importa sublinhar que a relação entre média de curso e sexo dos inquiridos tem também significado estatístico, permitindo indicar que existe uma associação, ainda que fraca, entre as duas variáveis¹⁷.

Quadro 3 – Medidas da distribuição da variável nota média de licenciatura segundo o sexo

Medidas	Todos os inquiridos	Homens	Mulheres
Nota média	14,11	13,92	14,27
Desvio - padrão	1,14	1,23	1,04
Mínimo	12	12	12
Máximo	17	17	16

Em síntese, isto significa que os percursos académicos das raparigas são maioritariamente marcados pelo sucesso escolar, pois há mais diplomadas do que diplomados a concluir no tempo curricular mínimo e com notas médias mais elevadas, mas tal não parece assegurar-lhes, como já vimos, condições de emprego claramente mais favoráveis do que aos seus colegas homens. Os rapazes, tendencialmente, investem menos no percurso académico, combinando-o mais frequentemente com experiências de trabalho durante a frequência do curso de licenciatura. Tal conduz a que os rapazes demorem mais tempo a concluir o curso mas, apesar disso, parece apresentar algumas vantagens para o processo de estabilização contratual no mercado de trabalho e para os níveis salariais auferidos.

Com efeito, houve mais mulheres do que homens que escolheram ser estudantes a tempo inteiro no último ano do curso (62,4% mulheres e 37,6% homens afirmam ser estudantes a tempo inteiro no último ano do curso). Ora, a nossa investigação revela, ainda, que o contacto com o mundo profissional (seja através de estágios ou de actividades de trabalho mais formalizadas) antes e durante o curso é uma situação que abrange um número reduzido de diplomados, mas mesmo que na maioria dos casos as actividades profissionais desenvolvidas durante o curso não sejam idênticas às que os diplomados irão desempenhar após

¹⁷ Existe relação estatisticamente significativa entre o sexo e a média final de curso ($X^2=0,48$, $p<0,05$; V-Cramer = 0,214).

a conclusão desse mesmo curso, este contacto prévio parece facilitar o modo como decorre o processo de inserção profissional após a licenciatura.

Assim, embora *as diplomadas* concluam, em maior número, a licenciatura no tempo curricular mínimo e com uma nota média um pouco mais elevada, os seus contactos com o mundo profissional prévios à conclusão da licenciatura são mais escassos, pelo que poderão, em parte por esta razão, sentir maiores dificuldades após o curso em estabilizar a sua posição no mercado de trabalho.

Por fim, ainda no que se refere às estratégias dos diplomados, importa sublinhar que, como vimos anteriormente, se verifica alguma diferença entre homens e mulheres no regime de trabalho em que os diplomados exercem a sua actividade profissional. Nestas condições, interrogamos se tal poderá ser a expressão de uma estratégia feminina em que se procura conciliar a vida profissional com outras esferas da existência como seja a vida familiar, favorecendo uma maior disponibilidade de tempo para, por exemplo, o acompanhamento de filhos ou dos membros mais idosos da família.

A este propósito, é de notar que a maioria (67%) dos inquiridos na nossa investigação estão actualmente casados ou vivem em união de facto (21,1% com filhos e 45,9% sem filhos). Neste grupo de diplomados casados ou que vivem em união de facto, constata-se que metade (49,5%) têm cônjuges que são também licenciados de ensino superior, enquanto 26,4% dos cônjuges têm o 12º ano ou níveis de escolaridade mais baixos, revelando um *mercado matrimonial* marcado por uma certa homogeneidade em termos do níveis de instrução.

Isto significa, que a constituição de núcleos conjugais autónomos das famílias de origem, com ou sem filhos, acompanha a fase de inserção profissional e poderá ser um elemento explicativo da diferenciação dos percursos de homens e de mulheres e, designadamente, do facto de os percursos das diplomadas tenderem a ser marcados por mais dificuldades a partir do momento 3 anos após a conclusão do curso. A confirmarem-se estas hipóteses, assistiríamos a um predomínio dos papéis tradicionais femininos (que remetem as mulheres sobretudo para o espaço doméstico e familiar atribuindo menor relevância ao investimento no espaço profissional) nas escolhas das jovens que terminam o ensino superior.

Diferenciação sexual dos processos de inserção profissional: espaços de luz e espaços de sombra

Tendo por base os dados e elementos informativos reunidos neste artigo, importa, nesta terceira parte do artigo, equacionar um conjunto de interroga-

ções que julgamos extremamente importantes para aprofundar a reflexão em torno da temática das relações entre educação e trabalho/emprego. As reflexões que se seguem traduzem, por vezes, *espaços de luz*, o que significa aspectos que parecem consensuais no quadro da investigação realizada e no confronto com outras pesquisas e, outras vezes, *espaços de sombra* que correspondem a aspectos sobre os quais permanecem dúvidas e interrogações e sobre os quais importaria aprofundar a compreensão.

Um espaço de luz: o diploma de ensino superior não é um passaporte para um emprego estável e bem remunerado

Uma grande parte dos jovens que ingressam no ensino superior têm aspirações e expectativas de que esta opção escolar possa garantir-lhes um percurso profissional mais favorecido do ponto de vista das condições de emprego (contratuais, salariais, etc.). Esta associação justifica-se, em grande medida, pela difusão mais ou menos alargada dos pressupostos da Teoria do Capital Humano para além da comunidade académica que fez com que, ao nível do senso comum, se tornasse habitual estabelecer uma relação quase directa entre uma hierarquia de diplomas de ensino e uma hierarquia de postos de trabalho, optando-se por percursos escolares mais longos que deveriam garantir recompensas profissionais e salariais.

Tal como refere Cabrito (1999, p.48), até à década de 70 "do lado dos jovens, esta teoria (do capital humano) apresentava as razões que justificavam a procura de educação pois, passar pela escola e receber as aprendizagens por ela oferecidas, surgia como o percurso indispensável para o usufruto de privilégios inerentes a determinada posição social". Neste sentido, argumenta-se também que a dinâmica evolutiva do mercado de trabalho exigiria qualificações escolares mais elevadas, pelo que um diploma de ensino superior garantiria a obtenção mais fácil de empregos melhores e mais bem remunerados.

Contudo, esta associação entre escolaridade e situação profissional vem sendo posta em causa quando se aponta o crescimento das taxas de desemprego de diplomados e o acentuar das condições precárias em que exercem as suas actividades profissionais. Os estudos realizados na Universidade de Aveiro, que permitem analisar a evolução da inserção profissional dos diplomados de ensino superior desta instituição imediatamente após o curso e ao longo dos últimos anos, apontam para um agravamento das condições de inserção profissional deste grupo de diplomados. Com efeito, os estudos realizados em 1997 e em 2001 levam os seus autores a concluir que "em termos

muito globais, pode dizer-se que o processo de passagem da Universidade para a vida activa se apresenta, tendencialmente, mais instável e mais complexo do que no período temporal anterior ao abrangido por este estudo" (Martins, Arroiteia e Gonçalves, 2002, p. 119).

Ainda que assim seja, importa notar que os diplomados de ensino superior, no seu conjunto, continuam a apresentar vantagens em matéria de inserção profissional quando comparados com os diplomados de outros níveis de escolaridade. Num trabalho recente, a comparação entre os resultados de vários estudos sobre inserção profissional de diplomados de ensino superior realizados em Portugal, permitiu-nos concluir que "estes traços característicos dos percursos de inserção dos diplomados da FCT parecem ser genericamente comuns, embora com algumas pequenas variações percentuais, àquilo que se verifica para os diplomados de outras instituições de ensino superior. (...) a rapidez na obtenção de emprego, o número reduzido de desempregados e a precariedade dos laços contratuais parecem surgir como características marcantes dos percursos de inserção profissional dos diplomados de ensino superior" (Alves, 2002).

Não obstante, o diploma não pode ser visto como um *passaporte* para o emprego, devendo ser entendido como um dos *recursos* a mobilizar em processos de inserção profissional. Este diploma é, também, um recurso diferentemente valorizado pelo seu detentor em função de uma multiplicidade de factores como sejam a conjuntura económica, o domínio disciplinar em que se conclui o curso, o estabelecimento de ensino frequentado, a região de residência e de procura de emprego, as relações entre instituições de ensino superior e potenciais entidades empregadoras, entre outras variáveis. No caso concreto deste artigo, ilustra-se com clareza o modo como a variável sexo também marca os processos de inserção profissional.

O facto de se ser *homem* ou *mulher* faz com que um mesmo diploma de ensino superior assumia valores diferenciados de utilização na vida activa. De acordo com os dados da nossa investigação, torna-se possível perceber uma tendência no sentido de o facto de ser diplomada, e não diplomado, significar uma maior probabilidade de protagonizar percursos profissionais em que é menos habitual o contrato sem termo e o trabalho por conta própria com empregados e em que é mais comum o trabalho a tempo parcial, a situação de bolseiro ou de trabalhador por conta própria sem empregados e com um nível salarial médio mais baixo. Neste último caso, e no que diz respeito aos momentos 3 anos após o curso e emprego actual, verifica-se até a existência de uma relação estatisticamente significativa entre as variáveis sexo e nível salarial.

Ainda que no primeiro emprego a situação não seja tão negativa para as mulheres, constata-se que a desvantagem das diplomadas se acentua a partir do momento 3 anos após o curso. Saliente-se, ainda, que as diplomadas estão em maioria no grupo dos diplomados que já passaram por situações de desemprego. Estas indicações empíricas, no seu conjunto, levam-nos a sublinhar a ideia de que o diploma de ensino superior não tem o mesmo valor de utilização na vida activa, dependendo, pelo menos em parte, do grupo sexual a que pertence o seu detentor.

Em síntese, por tudo isto, questionamos a ideia de uma associação directa e mecânica entre a obtenção de um diploma de ensino superior e uma situação profissional e contratual mais vantajosa, pois a utilidade do diploma na transição para vida activa depende de um variado conjunto de factores.

Outro espaço de luz: dissociação entre sucesso académico e sucesso na inserção profissional

Em nosso entender, um dos contributos mais interessantes dos dados e elementos de reflexão apresentados neste artigo reside no facto de demonstrarem a dissociação entre sucesso académico (no sentido de classificações escolares elevadas) e sucesso na inserção profissional (entendido como condições de emprego mais favorecidas e níveis de satisfação elevados face à situação e percurso profissional).

Um dos objectos de estudo tradicionais em Sociologia da Educação corresponde ao estudo do sucesso/insucesso escolar e, nesse âmbito, as variáveis classe social, grupo étnico e (menos significativamente) sexo, têm sido apontadas como influenciando o desempenho escolar dos alunos. De um modo geral, e em todos os níveis de ensino, o sucesso das raparigas vem sendo constatado e culmina no aumento constante, ao longo das últimas décadas, do seu peso percentual no grupo de jovens que frequentam o ensino superior.

De entre as razões sociológicas que explicam este sucesso das raparigas, encontram-se algumas que apontam para o modo de socialização e para os papéis sexuais diferenciados de mulheres e homens na nossa sociedade. Neste caso, o sucesso explica-se pelo facto de a escola ser predominantemente um universo feminino em que características como a conformidade e a passividade, tradicionalmente associadas à identidade feminina, seriam mais favoráveis ao sucesso em meio escolar. Neste mesmo sentido, Almeida (2002, p. 17) refere que "em casa e na família, o apreço e o treino de qualidades como a disciplina, arrumação, organização, obediência, uso limitado

do espaço, contenção, capacidade de concentração e de antecipação do comportamento dos outros, fazem parte do pacote socializador feminino – o qual se vem a revelar extremamente eficaz (em matéria de sucesso) no interior do sistema de ensino".

Um outro conjunto de razões assenta, também, nesta diferença que separa as estratégias de socialização de rapazes e raparigas, nomeadamente no facto de o emprego constituir um elemento mais valorizado no quadro das identidades masculinas. Talvez encontremos aqui uma das razões pelas quais os rapazes tendam, em maior número do que as raparigas como vimos nos dados da nossa investigação, a desempenhar uma actividade profissional durante a frequência do ensino superior.

Ainda um outro conjunto de razões, aponta para que o sucesso escolar das raparigas resulte, em grande medida, de uma estratégia deliberada de acumulação de credenciais escolares que lhes permita dispor de mais recursos no processo de inserção profissional. Ou seja, num quadro de entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho, o forte investimento académico das raparigas seria uma forma de assegurar melhores condições de inserção profissional.

O que os dados da nossa investigação indicam é que uma tal estratégia, a existir, tende a não alcançar os resultados desejados, pois o maior investimento académico das raparigas não corresponde, necessariamente, a um maior sucesso na sua inserção profissional. Aliás, salientou-se como o facto de as mulheres serem a maior parte dos estudantes a tempo inteiro no último ano do curso facilita a obtenção de uma nota média final mais elevada e a conclusão mais rápida do curso, mas origina potencialmente maiores dificuldades no acesso a condições de emprego mais favoráveis e na obtenção rápida do primeiro emprego após o curso. Esta situação faz com que as diplomadas de ensino superior tendam a manifestar-se menos satisfeitas, do que os colegas homens, face ao seu percurso e situação profissional.

Os dados apresentados permitem perceber que a diferenciação entre os percursos profissionais de homens e mulheres têm também implicações na avaliação sobre a utilidade do diploma na transição para a vida activa. É que, embora mais de metade das mulheres considerem que o diploma de ensino superior facilita as possibilidades de emprego, existe uma grande maioria que afirma que tal não sucedeu no caso do seu percurso pessoal. Isto quer dizer, que poderá existir um desfasamento significativo entre as aspirações e expectativas femininas sobre o diploma de ensino superior e o seu efectivo valor de utilização na inserção profissional.

Em síntese, parece-nos reforçada a noção de que existe uma dissociação entre o sucesso académico e o sucesso na inserção profissional, sendo que o bom desempenho escolar de modo nenhum assegura um processo de transição para a vida activa mais facilitado, com melhores condições de emprego e assente em níveis de satisfação elevados. O caso dos percursos femininos constitui um claro exemplo desta constatação.

Espaços de sombra: a relação entre educação e trabalho e a questão das dinâmicas identitárias de homens e mulheres

De entre as razões que podem explicar a diferenciação retratada dos processos de inserção profissional de diplomados e diplomadas, salientámos as estratégias dos empregadores, que em certos casos continuam a preferir recrutar licenciados homens, mas também colocámos a hipótese de que as mesmas possam ter origem numa opção dos próprios protagonistas (homens e mulheres) da inserção profissional. Neste domínio, consideramos que muito mais poderia ser feito na investigação, essencialmente em duas grandes dimensões de análise.

Por um lado, note-se que quase todos os resultados e elementos de reflexão reunidos neste artigo se centram nos aspectos da relação entre educação e emprego que se refere, principalmente, a dificuldades de inserção e desemprego, enquanto a abordagem dos aspectos da relação educação – trabalho que significa, sobretudo, a atenção nos saberes (desenvolvidos durante a frequência do sistema educativo e utilizados no espaço profissional) permaneceu quase inexplorada.

Ora, esta perspectiva de análise deverá ser particularmente relevante, pois permitirá esclarecer até que ponto e de que modo as aprendizagens em espaço académico (de tipo formal, informal e não formal) se combinam na construção da capacidade de o sujeito desempenhar a sua actividade profissional nos primeiros anos após a conclusão do curso. Ou seja, até que ponto e de que modo o maior investimento académico das raparigas e o facto de terem um número mais escasso de experiências profissionais durante a frequência do ensino superior se traduz no sucesso, mais ou menos significativo, do seu processo de inserção profissional. É que as maiores dificuldades apontadas pelos diplomados na fase de inserção profissional correspondem ao *choque* com a cultura, normas e valores de comportamento das organizações de trabalho, sendo que, aparentemente, esse choque se encontra minimizado quando os indivíduos já tiveram experiências de trabalho anteriores, ainda que em actividades que nada tenham a ver com aquela que desempenham após o curso.

Por outro lado, uma outra dimensão de análise que também foi pouco estudada centra-se nas dinâmicas identitárias de homens e mulheres, designadamente na sua relação com a educação, o emprego e a família, procurando explicitar o sentido e significado que os percursos diferenciados de inserção profissional assumem para os seus protagonistas.

A emergência de perspectivas teóricas, no domínio da Sociologia, que sublinham a necessidade de rejeitar visões demasiado mecanicistas da herança social e cultural de cada indivíduo, admitindo que o mesmo é resultado de experiências sociais múltiplas por vezes até contraditórias, não deve ser esquecida na exploração deste segundo domínio. Referimo-nos, nomeadamente, às propostas de Lahire (2001) para quem a Sociologia pode interessar-se pelas diferenças entre os indivíduos de um mesmo grupo social (por exemplo o grupo dos homens ou o das mulheres), importando apreender a variação contextual dos comportamentos de um mesmo indivíduo. Ou seja, trata-se de rejeitar a coerência e a homogeneidade das disposições individuais pensadas, exclusivamente, à escala dos grupos e das instituições, para adoptar uma visão mais complexa do indivíduo que é menos unificado e heterogéneo do que se poderia supor.

Tal poderá ser particularmente relevante no caso da diferenciação sexual de percursos profissionais. Os trabalhos no domínio do género (ver, a propósito, Torres, 2004) sublinham que a relação das mulheres com o trabalho não é o de uma necessidade económica, tendo subjacentes muitas outras vertentes que passam por dimensões identitárias, ao mesmo tempo que se constata uma associação entre maiores níveis de formação escolar e maior probabilidade de se ser uma mulher activa.

Assim sendo, seria pertinente investigar que inter-relação existe, nas dinâmicas identitárias, entre as esferas do trabalho, da família e da escolaridade. É legítimo supor que a maior parte das diplomadas de ensino superior aspiram ao exercício de uma actividade profissional, interessando explorar como articulam essa opção com a vida familiar – a qual é tradicionalmente uma responsabilidade sobretudo feminina – e até que ponto e de que modo eventuais dificuldades de conciliação dessas duas esferas se reflectem em situações contratuais e profissionais menos favorecidas. A este propósito é notório que em Portugal, de modo algo paradoxal, verificamos as mais elevadas taxas de actividade feminina, designadamente entre a população que concluiu o ensino superior, ao mesmo tempo que dispomos de taxas de cobertura deficitárias de equipamentos às crianças, jovens e idosos (Torres, 2004).

Nota Conclusiva

O tema abordado neste artigo – diferenciação sexual nos processos de inserção profissional – só pode ser plenamente compreendido recorrendo ao contributo de diferentes áreas da Sociologia como a Educação, o Trabalho, o Emprego, a Família e o Género, e mesmo de outros domínios disciplinares com destaque para a Economia. Apela, assim, a um trabalho de investigação em que se ultrapasse uma mera acumulação dos conhecimentos das várias áreas disciplinares, procurando-se, em vez disso, privilegiar a ligação entre os conhecimentos provenientes de vários campos disciplinares, de modo a ensaiar a construção de um pensamento alternativo e inovador sobre o objecto de investigação¹⁸.

De qualquer modo, consideramos que o trabalho desenvolvido permitiu reforçar a noção de que a *inserção profissional* constitui um *processo adaptativo e educativo* a partir da análise da diferenciação entre diplomados e diplomadas. *Adaptativo* porque a tentativa de explicitar as razões da diferenciação sexual dos processos de inserção profissional aponta para um conjunto de elementos em que se cruzam as estratégias dos empregadores com as dos próprios diplomados nas esferas académica e profissional. *Educativo* porque a diferenciação sexual dos processos de inserção profissional está ligada a elementos que têm que ver com a aprendizagem, em espaço académico e em espaço profissional, assim como se relaciona com as dinâmicas identitárias dos sujeitos. Acresce ainda que, concordando com Dubar (1991) na afirmação de que os primeiros anos de profissão são fundamentais para o delinear da identidade profissional influenciando assim todo o percurso profissional futuro, a compreensão destas dinâmicas identitárias de homens e mulheres após a conclusão do ensino superior pode ser um contributo relevante para o estudo da diferenciação sexual no mercado de trabalho.

Não obstante, importa sublinhar, mais uma vez, que as questões do género não podem deixar de ser vistas como parte de um conjunto mais amplo composto por uma multiplicidade de factores (pessoais, sociais, de conjuntura económica, tendências de mudança do mercado de trabalho, opções e modo

¹⁸ Para Morin (1990) a diferença entre interdisciplinaridade e transdisciplinaridade reside precisamente na distinção que acabamos de enunciar. Como refere este autor, "l'interdisciplinarité peut signifier tout simplement que différents disciplines se réunissent comme les différentes nations se rassemblent á l'ONU, sans pouvoir faire autre chose qu'affirmer chacune ses propres droits et ses propres souverainetés" (Morin, 1990, p. 5), mas é necessário ir mais longe no sentido da transdisciplinaridade que "se caractérise souvent par des schémas cognitifs traversant les disciplines" (Morin, 1990, p. 5).

Os diplomados de ensino superior: diferenciação sexual nos processos de inserção profissional

de funcionamento do ensino superior, etc.) que influenciam os processos de inserção profissional. Aliás, numa perspectiva sociológica, é ainda notório que os estudos disponíveis não nos permitiram explicitar a influência que a variável origem social – através do recurso ao conceito de classe social – poderá ter sobre os processos de inserção profissional. Até que ponto indivíduos provenientes de origens sociais idênticas se encontram nas mesmas situações de emprego? Até que ponto o modo como é vivida a fase de transição para a vida activa, por exemplo a avaliação da sua maior ou menor dificuldade e a correspondência (ou não) face a expectativas anteriormente existentes, é influenciada pela variável "origem social" dos diplomados? Estas são questões que, apenas, ilustram a vastidão de um domínio de pesquisa que poderá ser explorado futuramente.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Ana Nunes (2002), "A sociologia, a escola e as questões de género" in *Actas do Encontro "A Sociologia e o Ensino Secundário: lugares, saberes, itinerários"*, Oeiras, APS (Associação Portuguesa de Sociologia).

ALVES, Mariana Gaio (2002), "O «valor» do diploma de ensino superior: percursos de inserção profissional de diplomados da Faculdade de Ciências e Tecnologia (UNL)" in Jorge Adelino Costa, António Neto Mendes, Alexandre Ventura, *Avaliação de Organizações Educativas – Actas do II Simpósio sobre Organização e Gestão Escolar*, Aveiro, Universidade de Aveiro.

ALVES, Mariana Gaio (2003), *A inserção profissional de diplomados de ensino superior numa perspectiva educativa: o caso da Faculdade de Ciências e Tecnologia*, Tese de Doutoramento, Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

BATISTA, Maria de Lurdes (1996), *Os diplomados do ensino superior e o emprego – a problemática da inserção na vida activa*, Lisboa, Departamento de Programação e Gestão Financeira/Ministério da Educação.

CHAGAS LOPES, Margarida, PINTO, Aquiles Sequeira (2001), "O ensino superior e a formação e aprendizagem ao longo da vida", in Adriano Moreira e José Barata-Moura (coord.), *Ensino Superior e Competitividade*, volume II, Lisboa, Conselho Nacional de Avaliação do Ensino Superior.

COTRIM, Ana, AMOR, Teresa (1999), *As relações entre a educação e o emprego dos diplomados do ensino superior: situação face ao emprego (III)*, Lisboa, INOFOR/Instituto para a Inovação na Formação.

DUBAR, Claude (1991), *La socialisation: construction des identités sociales et professionnelles*, Paris, Armand Colin.

GADREY, Nicole (1992), *Hommes et Femmes au Travail – inégalités, différences, identités*, Paris, L'Harmattan.

GUERREIRO, Maria das Dores (org.) (1998), *Trabalho, Família e Gerações*, Lisboa, CIES/ISCTE.

- HARVEY, Lee, MOON, Sue, GEALL, Vicki (1997), *Graduates' Work – organisational change and students' attributes*, <http://www.uce.ac.uk/crq/publications/gw> (acesso em 17/12/2001).
- KIEFFER, Annick, TANGUY, Lucie (2001), "Les mouvements de la recherche sur l'insertion sociale, 1980-2000" in *Éducation et Sociétés*, n° 7/2001/1, pp. 95-109.
- LAHIRE, Bernard (2001), "Catégorisations et logiques individuelles: les obstacles à une sociologie des variations intra-individuelles" in *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. CX, pp. 59-81.
- LIST, Juliane (1997), "Perspectivas de emprego dos diplomados do ensino superior na Europa" in *Formação Profissional – Revista Europeia*, n° 10 (Jan.-Abril 1997), CEDEFOP, Lisboa, Ministério do Trabalho e da Solidariedade.
- MADUREIRA PINTO, José (2002), "Factores de sucesso/insucesso" in CNE, *Sucesso e Insucesso no Ensino Superior Português*, Actas do Seminário, Lisboa, 17 de Janeiro de 2002, Conselho Nacional de Educação.
- MARTINS, António Maria, ARROTEIA, Jorge Carvalho, GONÇALVES, Maria Manuela Bento (2002), *Sistemas de (des)emprego: trajetórias de inserção*, Aveiro, Unidade de Investigação Construção do Conhecimento Pedagógico nos Sistemas de Formação, Universidade de Aveiro.
- MORIN, Edgar (1990), "Articuler les disciplines" in *Actes du Colloque du Comité National de la Recherche Scientifique "Interdisciplinarité"*, Paris, CNRS, <http://www.mcxapc.org/conseil/morin1.htm> (acesso em 30/09/2002).
- OCDE (1993), *De l'enseignement supérieur a l'emploi – rapport de synthèse*, Paris, OCDE.
- ODES (2000), *Inquérito piloto aos diplomados do ensino superior (1999) – primeiros resultados*, Lisboa, INOFOR (Instituto para a Inovação na Formação), (policopiado).
- ODES (2002), *Apresentação do 1º inquérito de percurso aos diplomados do ensino superior 2001: primeiros resultados*, http://www.inofor.pt/calendario/result_odes.html (acesso em 18/12/2001).
- PAIS, José Machado (2003), *Ganchos, Tachos e Biscates – jovens, trabalho e futuro*, Porto, edições Ambar.
- SMYTH, Emer (2003), "Gender Differentiation and Early Labour Market Integration across Europe" in Irena Kogan, Walter Muller, (eds.) *School-to-Work Transitions in Europe: Analyses of the EU LFS 2000 Ad Hoc Module*, Mannheim, Mannheimer Zentrum für Europäische Sozialforschung.
- TANGUY, Lucie (1986), *L'introuvable relation formation-emploi - un état des recherches en France*, Paris, La Documentation Française.
- TORRES, Anália Cardoso (coord.), SILVA, Francisco Vieira, MONTEIRO, Teresa Líbano, CABRITA, Miguel (2004), *Homens e Mulheres entre Família e Trabalho*, Lisboa, DEEP-CID.
- VINCENS, Jean (1997), "L'insertion professionnelle des jeunes – à la recherche d'une définition conventionnelle", *Formation-Emploi*, n° 60, Oct—Dec. 1997, pp. 21-36.

Les diplômés de l'enseignement supérieur – différenciation sexuelle des processus d'insertion professionnelle

Résumé

Ayant pour base la recherche qu'on a entreprise sur les processus d'insertion professionnelle des diplômés de l'enseignement supérieur, l'article prétend clarifier le mode selon lequel ces processus assument différentes configurations découlant du fait des diplômés être masculin ou féminin. On constate que les diplômées éprouvent des parcours auxquels il est plus fréquent le chômage, la précarité contractuelle et des niveaux salariaux plus bas. Ceci, nonobstant leur investissement académique plus remarquable soit pour les notations plus élevées qu'elles obtiennent, soit pour le fait d'être majoritaires parmi les diplômés qui terminent le cours dans le temps curriculaire minimum. Il existe, ainsi, une certaine dissociation entre le succès académique et le succès lors de l'insertion professionnelle que le cas des diplômées clairement exemplifie

Mots-clé

Insertion professionnelle; genre; enseignement supérieur; différenciation sexuelle

Higher education graduates – sexual differences in the process of professional integration

Abstract

Based on the research carried out on the professional integration processes of university degree holders, the article intends to clarify their different configuration given the degree holder gender. We verified that female degree holders experience more frequently (along their way) unemployment, contractual precariousness and lower wage levels. This, despite their more notorious academic investment substantiated by higher grades and by the fact of being the majority among the degree holders concluding the course within the minimum curricular time. Thus, there is some dissociation between academic success and the success at professional integration, as the case of female degree holders clearly exemplifies.

Key-words

Professional integration, gender, higher education, sexual differences

